

A paixão lúcida

09 FEV 1991

JORNAL DE BRASÍLIA

Deodato Rivera

Crise, recessão, desemprego. Aumento da miséria. Aumento do sofrimento dos que nada têm para cortar a não ser a comida pobre e pouca. Degradação física e moral de milhões de cidadãos, principalmente os mais vulneráveis: crianças, jovens, idosos, mulheres. Insegurança, violência, medo.

O que aconteceu com o Brasil? Por que mergulhamos nessa ciranda de incompetência social, década após década? Por que, possuidores do 5º território, da 6ª população e do 10º PIB do mundo, e tendo em nosso solo e subsolo riquezas imensas, exibimos esse espetáculo deprimente de miséria, degradação humana e bárbarie principalmente nas grandes cidades?

Bye, bye Brasil? Fracasso histórico? Decadência sem apogeu? Projeto abortado de grande nação?

Mas, como se faz uma grande nação?

Olhemos o mapa econômico do mundo: estamos no 8º ou 10º lugar conforme os indicadores. Olhemos o mapa social: estamos entre os últimos colocados. Como explica isso? Década após década aumenta a concentração de renda e cresce a distância entre a pequena elite que vive no luxo e a grande massa que vive literalmente no lixo. Uma grande nação de xepeiros?

Olhemos o mapa histórico de 1945: se alguém dissesse ao então presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, que daquele arquipélago chamado Japão, arrazado pelas bombas dos seus aviões e navios de guerra, brotaria uma das nações mais pujantes economicamente do final do século, ele certamente zombaria da afirmação. O mesmo fariam Churchill, Stalin, De Gaulle, se lhes profetizassem que das cinzas do III Reich — a Alemanha destruída, humilhada e dividida pelos vencedores — nasceria a maior potência européia contemporânea.

Afinal, quem venceu a 2ª Grande Guerra? Nós, que enviamos um pequeno contingente a combater na terra dos outros, em modesto apoio aos grandes, preservando nosso território, aqui estamos, com a maioria da população vivendo na miséria ou na pobreza, enquanto os derrotados nadam em

prosperidade.

E não falemos em milagre. Falemos em projeto nacional, trabalho e resultados partidos, perseverança, tenacidade, dedicação de duas gerações com mística reconstituidora: paixão de pátria e povo, vontade e competência articuladas de massa e elite. Assim se levanta a nação das cinzas.

Não que nos haja faltado paixão (desde 1950, em 4 em 4 anos inundamos o País de faixas e bandeiras: avante, Brasil! Mobilizemos a energia nacional; sofrendo, rezando e chorando juntos, milhões e milhões de patriotas se reúnem nos lares e nas ruas para empurrar onze atletas em busca de uma fugidia copa de ouro em algum campo de futebol do mundo...); faltou-nos, isto sim, a paixão lúcida.

Apaixoados e infantilmente nos combatemos uns aos outros. Chutamos a chance de construir a democracia política e não tivemos competência para criar até agora uma democracia econômica e social. Perseguimos “comunistas” com Dutra, no auge da Guerra Fria; combatemos “lacaio do imperialismo” com Prestes; não entendemos direito o 2º Vargas, levando ao suicídio por nossas divisões: dividimo-nos quanto ao grande desbravador, Juscelino, divididos fomos fascinados por Jânio, com o conseqüente mergulho no dilúvio militarista, em que se afogaram líderes em partidos: caça ou caçadores, cassamos-nos uns aos outros — “nacionalistas” versus “golpistas”, “gorilas” versus “subversivos”. Unidos no futebol mas divididos em tudo o mais, faltou-nos o essencial: lucidez.

Não investimos na educação, na criança e no jovem, na ciência. Fizemos estádios — os maiores do mundo. Depois nos apaixonamos por elefantes brancos, inclusive nucleares, e por armamentos: Brasil-grande-potência pueril. Não nos apaixonamos pela alfabetização, pela saúde, pela produção de alimentos, pela justiça, pela capacitação para a cidadania.

Enganamo-nos de mitos, de metas e de métodos. Durante um quarto de século um regime que surgiu para preservar a democracia e acabar com a corrupção aca-

bou com a democracia e não só preservou como aperfeiçoou e multiplicou a corrupção. Aos milhões nos unimos pelas diretas e choramos a perda do grande conciliador, Tancredo, para logo depois renearmos sua mensagem e dispersarmos-nos lamentavelmente, desperdiçando 5 preciosos anos que não voltam mais.

E agora, Brasil? O fundo do poço?

Sim. Mas dele só há uma saída: para cima. Temos de imaginarmos-nos um povo inteiro com molas nos pés e uma grande, uma imensa vontade de subir, de renascer dos escombros de todos os mitos, de todos os enganos, de todas as ilusões. A mola que reergueu os derrotados da 2ª Guerra Mundial foi a dedicação consciente a metas e valores minimamente consensuais, o investimento prioritário na criança e na educação e o esforço compartilhado, sem exacerbar privilégios nem admitir as degradações sociais que aceitamos sem indignação.

Só apaixonadamente lúcidos conseguiremos criar um projeto nacional capaz de nos manter unidos no essencial, galvanizar energias, economizar desastres e gerar a solidariedade que nos levará à consolidação do estado de direito, ao desenvolvimento econômico equilibrado e à justiça social.

Precisamos portanto rever nossas prioridades como Nação, o que faremos com facilidade se nos dermos conta, governantes e cidadãos em geral: 1º, que a maior obra de qualquer governo deve ser a erradicação da miséria; 2º, que o investimento mais urgente deve ser na criança e no jovem, na educação e na saúde do povo; 3º, que a paixão de que carecemos é a paixão lúcida.

Chega de patriotismo de copa do mundo apenas, e omissão permanente no que respeita às condições de vida da maioria do nosso povo. Vamos nos mobilizar para ganharmos a copa da dignidade, da competência, criatividade social.

Das cinzas da paixão pueril pode nascer uma grande Nação. De nós depende.

□ Deodato Rivera é cientista político.